

Ricardo Oliveira (continuação)



Fábio Rubinato

que o fator torcida também ajuda bastante. O Flamengo estava numa situação pior do que a gente antes do jogo e acabou enchendo o nosso campo com sua torcida, motivando mais seus jogadores. Eu acho que o jogador tem que se motivar assim mesmo. Quando você começa na Portuguesa, não pode esperar pelo apoio das arquibancadas.

PÃO&BOLA Qual é o peso da camisa da Lusa?

RICARDO OLIVEIRA É muito grande, porque é um clube carente de títulos, que está aí, brigando há muito tempo para tirar aquele peso de ser um time que nada, nada e morre na praia. Então, a cobrança é muito maior do que, acredito, num Corinthians ou num São Paulo. *(Pergunta a si mesmo.)* “Mas como, Ricardo?” Porque é um clube que ainda não ganhou títulos. Ganhou um, e dividiu ainda com o Santos, que eu me lembre *(na verdade, além do Paulista de 1973, ao qual ele se refere, a Portuguesa ganhou os estaduais de 1935 e 36, pela Associação Paulista de Esportes Atléticoes, uma das duas ligas existentes na época).*

PÃO&BOLA Você se imagina jogando em algum outro clube do Brasil?

RICARDO OLIVEIRA Olha... *(Ri, timidamente.)* Imaginar, não, mas sonhar... *(Risos.)* Já sonhei estar jogando em outro clube, e não escondo, porque eu acho que todo grande jogador quer jogar em equipes grandes, acostumadas a disputar títulos, e comigo não é diferente. E a que chama mais a atenção, pela estrutura, é o São Paulo, que dá condição para o jogador. Enfim, é uma grande equipe, onde todo jogador pensa em estar.

PÃO&BOLA Por falar nisso, dois boatos que correram nos últimos meses foram a sua venda para o São Paulo e para o exterior. O que há de verdade neles?

RICARDO OLIVEIRA A venda para o São Paulo foi uma especulação que surgiu muito forte. Agora, para o exterior, realmente houve algumas propostas, mas não ofereceram perto do valor que a Portuguesa queria *(US\$ 8 milhões, segundo o assessor de imprensa Eduardo Affonso. Mas ele acha que, hoje, o clube negociaria o jogador por US\$ 5 milhões).*

PÃO&BOLA Qual era o seu time de infância?

RICARDO OLIVEIRA Corinthians. Quando eu era moleque, eu era corinthiano.

PÃO&BOLA Última pergunta: você fica?

RICARDO OLIVEIRA *(Risos.)* Não sei. Tenho contrato até dezembro de 2003, então eles vão decidir. Tenho certeza que eles precisam montar um time bom, para voltar à elite do futebol. Eu tenho contrato, como falei. E não sei agora o que vai acontecer daqui para a frente.

Arce

O herói

Na padaria Nova Chamosa, local de nossa entrevista, Arce parece estar tão à vontade quanto no time em que joga. Amigo do dono, frequenta o estabelecimento desde que morava em frente, e ainda vai lá, mesmo depois de se mudar para o outro lado do bairro. O rebaixamento da sua equipe, o Palmeiras, para a Série B do Campeonato Brasileiro, em nada alterou essa rotina. Arce pode se orgulhar de ser, atualmente, um dos poucos jogadores daquele time que saem à rua de cabeça erguida. A eficiência aliada ao espírito de luta que o paraguaio sempre demonstrou em campo colocaram-no acima do bem e do mal aos olhos da torcida, mesmo em uma situação crítica como a atual.

Não é à toa que, nesta entrevista a **PÃO&BOLA**, o paraguaio garante que permanecerá no elenco em 2003, para comandar a tão sonhada reação.

PÃO&BOLA Como você analisa a participação do Palmeiras neste último Brasileiro?

ARCE Mesmo rebaixado, fazendo um balanço, o Palmeiras é um time muito mais com cara de médio para cima do que de médio para baixo.

PÃO&BOLA Apesar do respeito com que lhe tratam, você acha que a torcida tem cobrado de você mais do que dos demais?

ARCE Eu me acostumei com isso. Por um lado, é um desafio a mais. Realmente eu recebo muito carinho por parte do torcedor, mas também quando há alguma coisa errada sempre pesa mais para o lado dos mais antigos dentro do grupo. Isso é até normal. Aí vem a vanta-



Fábio Rubinato

da resistência

Mesmo depois da queda do Palmeiras para a Série B, Arce foi um dos poucos jogadores que não perderam o respeito da torcida. Nesta entrevista ao repórter Alexandre Giesbrecht, concedida na padaria Nova Chamosa, ele garante: fica em 2003, para tentar a tão sonhada volta por cima

gem que você possa tirar em cima daquilo, de aproveitar quando está ruim, não se deixar abater.

PÃO&BOLA Houve muita cobrança em cima de você depois daquele jogo com o Vasco, em que perdeu um pênalti que poderia ter ajudado o time a escapar do rebaixamento?

ARCE Se houve eu nem senti, porque a gente ficou por lá, no Rio. Mas quando me perguntaram se eu me achava o vilão pelo fato de o time ter perdido, respondi que foi bem melhor eu ter perdido o pênalti. Claro que ninguém quer errar, ainda mais na situação em que a gente estava. Tem jogadores muito mais novos do que eu que já pediram três, quatro vezes para bater pênalti, com quem seria muito pior de acontecer. Eu consigo ficar normal, pela experiência que eu já tenho, e não é de agora que eu bato pênalti. No time que eu jogava (*Cerro Porteño*), a pressão era igual ou maior que aqui no Palmeiras. A responsabilidade era a mesma, e eu já fiz muitos e perdi alguns pênaltis. Perdi lá também. Isso faz parte e é a responsabilidade que a gente tem. Só fica fora disso se falar que não quer bater e não aceitar a responsabilidade.

PÃO&BOLA Mas o que passou pela sua cabeça na hora que a bola explodiu na trave, naquele jogo contra o Vasco?

ARCE (*Pensa um pouco.*) Não passou nada. Eu só falei: “Merda!” (*Risos.*) Eu tinha na cabeça que a gente tinha tempo suficiente para tentar fazer outros gols, ainda tivemos outras chances e não conseguimos completar. Também me dei conta de que poderia ter sido um gol fundamental, porque era um momento em que o adversário estava jogando bem melhor. Pelo menos os últimos cinco pênaltis que houve, eu fiz os cinco. Era uma chance grande, mas acabei perdendo a penalidade.

PÃO&BOLA Apesar do rebaixamento, você nunca fez tantos gols quanto neste ano. Como aconteceu essa mudança?

Arce — Acho que a diferença não é tão grande. Talvez de três, quatro gols (*são quatro gols em relação a 2000, seu segundo melhor ano*). Normalmente, a minha média é de uns dez ou oito gols por temporada. Nesta, houve a coincidência de uma maior quantidade de penalidades (*Arce é o batedor oficial do time*), e isso acaba facilitando muito.

PÃO&BOLA Correm rumores de que você e outros do time do Palmeiras podem sair no fim do ano. O que há de verdade nisso?

ARCE Meu contrato ainda tem um ano. Renovei em agosto, antes do campeonato, até o final do ano que vem. Então, acho que, no meu caso, é só boato, mesmo.

PÃO&BOLA Em que função você acha que rende melhor?

ARCE (*Enfático.*) Lateral.

PÃO&BOLA Só na lateral?

ARCE No meio não jogo há muito tempo. Eu sempre falo que não é tão simples voltar a jogar no meio, só porque joguei lá nos meus primeiros quatro ou cinco anos de carreira. Desde que vim para o Brasil, tenho jogado na lateral, então você precisa de um tempo para fazer de novo a mudança. Eu me lembro muito bem que, quando me passaram do meio para a lateral, foi difícil. Não para mim, mas para o pessoal se acostumar a me enxergar como lateral. Até eles entenderem que eu não ia mais cruzar, que teria de trabalhar a bola mais curta, correr de um jeito diferente, levou tempo. E aqui o campeonato não dá esse tempo.

PÃO&BOLA Como você vê o momento do futebol de seu país, que chegou às oitavas-de-final nas duas últimas Copas?

ARCE Bem melhor do que quando eu jogava lá, e com perspectiva de melhora para os jogadores. Com a mesma desorganização, também, o mesmo problema de falta de investimento. O futebol paraguaio é muito centralizado, os times são da capital ou Grande Assunção. A parte social, o pouco dinheiro para ir ao futebol atrapalha muito, mas é um celeiro quase inesgotável de grandes jogadores. Não sei como vai ficar quando pararem Chilavert, Gamarra, Ayala, Acuña, quando for a transição de uma geração para outra, mas atualmente o futebol paraguaio está com uma cara bem melhor do que era no começo da década de 90, quando acabou a geração de 86, de Romerito, Cabañas e Mendoza.

Mesmo rebaixado, o Palmeiras é muito mais um time com cara de médio para cima do que de médio para baixo

Você pode tirar vantagem quando as coisas estão ruins

Só não perde pênalti quem fala que não quer bater, quem não aceita a responsabilidade

Nome: Francisco Javier Arce Rolón
Posição: lateral-direito
Nascimento: 02/04/1971 (Paraguari, PAR)
Altura: 1,78 m Peso: 77 kg
Clubes: Cerro Porteño (Paraguai, de 1991 a 1994), Grêmio (de 1995 a 1997) e Palmeiras (desde 1998)
Padaria preferida: Nova Chamosa Rua Dr. Homem de Melo, 672, Perdizes